

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES



Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39-R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: Jodo Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Portugal - Brasil

abraçam-se fraternalmente

EM breve se vai realizar a visita oficial de Sua Ex.^a o Senhor Presidente da República, General Craveiro Lopes ao Brasil. Muitas são, nos dias de hoje, as visitas de cortesia de Chefes de Estado a países estrangeiros e muitas são algumas vezes os interesses diplomáticos, económicos e políticos dessas visitas protocolares e amistosas. Porém entre Portugal e Brasil, não são estes os motivos fundamentais que podem influir no bom acolhimento ou na recepção faustosa ao Chefe Supremo dum País amigo. O Senhor General Craveiro Lopes não vai ao estrangeiro mas sim à Pátria irmã da gente portuguesa. Ao desembarcar na terra de Santa Cruz as aclamações que o receberem serão vibrantemente pronunciadas em língua portuguesa. Ao contemplar as formosas e grandiosas cidades dessa metrópole progressiva, ao admirar os seus jardins, parques viçosos e avenidas lindáveis, ao levantar os olhos ao Pão de Açúcar e nele contemplar a imagem de Cristo, certamente que Sua Ex.^a o Presidente da República e todos os que o acompanharem sentirão bem alto, dentro de si, vibrar, o orgulho de serem Portugueses.....

...Os séculos rolaram e o progresso vertiginoso da civilização faz por vezes esquecer que há pouco mais de quatro séculos, aquelas paragens longínquas e aquelas terras férteis cobertas de vegetação rica e exuberante eram ignoradas dos povos civilizados.

As aventurosas galeras lusitanas, de velas abertas vogavam em mares desconhecidas, ao sabor de correntes e ventos ígnotos mas firmes no seu rumo e seguras da missão alta da gente portuguesa de: «dar novos mundos ao Mundo». Em 1500 aportou Pedro Alvares Cabral, num abrigo acolhedor, na costa oriental dum Novo Continente. Novos capítulos se iriam acrescentar à História, à Geografia, às Ciências e às Artes com a descoberta e o estudo de terras, mares, flora, fauna, raças humanas, crenças, costumes e cultura dum Mundo rico de surpresas para os habitantes do já velho continente europeu. O Brasil surge como um manancial de riquezas pela fertili-

(Continua na página 4)

Curiosidades de Portugal

O general M. d'Avila e de Bolama, refere-se a Barcelos na «Nova Carta Corográfica de Portugal», nestes termos:

A VILA DE BARCELOS

«A origem desta povoação não é bem conhecida, andando envolta em confusas tradições, sabendo-se porém ser anterior à nossa nacionalidade.

Os povos Celeni, que os cronistas portugueses colocam nas margens do rio Cávado, ficam no *Convento lucense* (província de Lugo) na Galiza; e Águas Celianas as identificam os sábios arqueólogos espanhóis em Caldas de Reis; a 22 Km.,

Sonetos de Camões

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É um estar-se preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É um ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode o seu favor
Nos mortais corações conformidade,
Sendo a si tão contrário o mesmo Amor?

Amor, que o gesto humano na alma escreve,
Vivas faíscas me mostrou um dia,
Donde um puro cristal se derretia
Por entre vivas rosas e alva neve.

A vista, que em si mesma não se atreve,
Por se certificar do que ali via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dor ao sofrimento doce e leve.

Jura Amor que brandura de vontade
Causa o primeiro efeito; o pensamento.
Endoidece, se cuida que é verdade.

Olhai como Amor gera, em um momento,
De lágrimas de honesta piedade
Lágrimas de imortal contentamento.

ao norte da cidade de Pontevedra, às *Duas Pontes* do Itinerário de António.

.....
Não oferece pois dúvida que a actual vila de Barcelos, situada na margem direita do Cávado, existia no domínio do primeiro rei português, visto que este monarca lhe deu o 1.º foral isto quando, como querem alguns, a tivesse mandado reconstruir.

A vila de Barcelos foi a primeira cabeça de Condado da *Monarquia portuguesa*, tendo el-rei D. Diniz, em 1298, dado este título ao seu mordomo-mór, D. Afonso de Menezes. Por morte do 2.º Conde, genro do 1.º, foi dado pelo mesmo soberano o Condado a seu filho bastardo (d'ele Rei D. Diniz) D. Pedro, a quem se atribue o célebre *Nobiliário*.

Antes de prosseguirmos na transcrição não deixará de ser oportuno procurar no volume II da obra referida as alusões referentes a D. Nuno Alvares Pereira, 8.º Conde de Barcelos.

«O Dr. Schaeffer diz, que o triunfo de *Valverde* estava para o de Aljubarrota na mesma relação do Condestável para com o rei; a vitória de Aljubarrota foi régia, a de Valverde foi verdadeiramente cavaleirosa»

E quando Nuno Alvares pede vénia ao rei por voluntária e decididamente ter invadido Castela, o rei responde:

— *Faltas desta natureza são dignas de desculpa.*

O rei reconheceu este novo e alto serviço do Condestável, fazendo-lhe a doação do CONDADO DE BARCELOS (1).

Os serviços de Nuno Alvares foram tão largamente recompensados, que o seu poderio era deveras grande, e elevadíssima a sua situação.

Parece-nos interessante apresentar a lista dos seus títulos, os quais, como é sabido, não eram simplesmente honoríficos: Condestável do Reino, Conde de Ourém, de Arraiolos e de Barcelos, Mordomo-mór de el-rei D. João I, donatário das vilas de Valença, Basto, Bouças, Baltar, Penafiel, Castelo de Piconha, Portelo, Chaves, Barroso, Monte-Alegre, Ribeira de Pena, Louzada, Paiva, Almada, Alvaiázare, Rabaçal, Charneca, Porto de Mós, Rio Maior, Vila Viçosa, Borba, Estremoz, Évora-Monte,

(1) Na crónica dos Carmelitas, Tomo I, parte III, pág. 323, lê-se:

«Não avaliou o rei por temeridade aquela acção, e para o seu conceito, sem necessidade de outra prova, ficasse bem acreditado, premiou este merecimento do Condestável com o Condado de Barcelos, e com a mercê de todos os seus direitos e senhorios».

SECÇÃO LITERÁRIA

A CRÍTICA DO MÊS

«MIGUEL ÂNGELO»

MAIS UM LIVRO DE ALBERTO MOREIRA

COM amável dedicatória recebemos o livro «Miguel Angelo» — esboço biográfico do talentoso maestro e compositor «barcelense», que o autor inicia assim:

«Hoje está assente que Miguel Angelo nascera em Barcelos — e sabe-se que fora baptizado no Porto, na igreja de Cedofeita».

O livro em questão traduz a personalidade de um grande artista que, sendo de Barcelos, se afirmou como um lídimo representante da essência musical. E se é certo que Miguel Ange-

lo recebeu as palmas de alguns eminentes intelectuais, não é menos verdade que este artista viveu os primeiros anos da sua vida numa luta titânica para conquistar o pão nosso de cada dia.

«Diremos claramente: esta gentil e orgulhosa criança não podia mendigar, não era capaz de estender a mão pedindo esmola a quem quer que fosse — mas, crente, foi ajoelhar-se, pedindo à Providência».

O autor do livro conseguiu reunir material apreciável para nos dar a génese de um grande

Portel, Montemor, Sousel, Alter do Chão, Monsarás, Vila de Frades, Vidigueira, Vila Ruiva, Landoral, Monforte, Loulé, Vila do Conde, Arco de Baulhe, Tendais, Silves, Guimarães, Vilalva, etc.».

Abandonando tudo isto para ir passar vida obscura no silêncio de um claustro, D. Nuno Alvares Pereira provou bem o fervor da sua fé em Deus, cujo exclusivo serviço antepôs assim a todas as grandezas humanas.

O primeiro Duque de Bragança mandou cercar Barcelos de muralhas com duas torres de grande altura. Estas muralhas, levantadas entre os anos de 1416 e 1471, tinham quatro portas e três postigos; as portas eram: a da Torre da Ponte, a Porta Nova, a Porta do Vale, e a da Fonte de Baixo; os postigos dominavam-se: da Feira, das Vingadeiras, e dos Pelames. Das muralhas já não restam vestígios, e das torres só há a da Cadeia».

(Neste pormenor de não haver vestígios das muralhas parece estar enganado o autor).

O termo de Barcelos é nomeado pela sua fertilidade, pela criação de gado e pela abundância de caça. No Cávado pescam-se lampreias e sáveis; as margens deste rio são encantadoras, e a bem lançada ponte de pedra, que o atravessa em frente da vila, é obra do 1.º Duque de Bragança, D. Afonso, 9.º Conde de Barcelos, que a fez à sua custa nos meados do século XV.

As armas de Barcelos, que se encontram na Casa da Câmara, são assim compostas: n'um escudo, uma ponte de cinco arcos sobre um rio com um carvalho no meio da ponte; de um lado uma torre e do outro uma ermida, e por cima em faixa três escudetes, tendo os do lado as quinas de Portugal, e o do centro uma aspa, esta do Duque D. Afonso.

Vilhena Barbosa, grande autoridade no assunto, diz no seu livro sobre brasões, que o escudo das armas de Barcelos, como se acha na Torre de Tombo, consiste em campo azul uma ponte e uma árvore com pomos de ouro; por cima dois castelos de prata e sobre estes três escudos, nos dois dos lados as quinas de Portugal e no do meio uma aspa vermelha em campo de prata que era a divisa do Duque D. Afonso.

Deve notar-se que Vilhena Barbosa observa, que este brasão difere do que se encontra na Casa da Câmara; e deve ainda notar-se que as armas da vila, que lhe atribui o Padre Carvalho na Corografia Portuguesa, são as que se encontram na Casa da Câmara.

O mesmo Padre Carvalho, na descrição da vila de Barcelos, diz que, segundo Félix Machado, Marquês de Montebelo, nas Notas que fez no Nobiliário do Conde D. Pedro, Plana 303, Barcelos se chamou antigamente *Barracelos* (BARRACELOS), derivando-se este nome (corrupto hoje em Barcelos) de BARRA CELANI, que *he o mesmo que Barra do Rio Celano*.

É fácil de verificar esta asserção nas Notas do *Marquez de Montebelo* del Conde D. Pedro, annexas ao Nobiliário de D. Pedro, Conde de Barcellos, Hijo del Rey D. Dionis de Portugal, edição de MDCXL, em Roma, pag. 15.

A vila de Barcelos, cabeça de concelho e de comarca, pertence ao distrito administrativo e arcebispado de Braga; é das mais consideráveis vilas de Portugal. Entre os seus edificios importantes merecem especial menção: o edificio onde funcio-

JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas
: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« **A MUNDIAL** »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

artista que marcou a sua trajectória através de Portugal e do Brasil.

«Deu concertos nos mais categorizados teatros do Rio de Janeiro, e, pelos seus elevados sentimentos de fraternidade e patriotismo, deu a sua prestantíssima colaboração a numerosos espectáculos em favor dos operários sem trabalho, dos asilos e de todas as associações portuguesas do Rio de Janeiro».

E, de degrau em degrau, conseguimos ler um livro que, embora despretensiosamente concebido, nos consegue entusiasmar, mostrando-nos, com toda a plenitude, o valor de um artista para quem o próprio Guilherme Braga se abriu assim:

«A vasta inspiração do génio soberano
Que, em face às multidões, abraça o géneo teu,
É viva como o sol, grande como o oceano,
Sublime como a luz, profunda como o céu!».

Pelula-te no crâneo a ideia, a forma austera,
Que s'expande depois nuns turbilhões febris,
Como a fervente lava irrompe da cratera!
Como a espuma se arroja aos negros alcantis!

Por estas duas quadras, pode o leitor aquilatar qual a tempera de «Miguel Angelo», que teve, por vezes, de sofrer certas críticas peçonhentas e infundadas de alguns críticos pavões, a quem a irresponsabilidade do nome dava direitos de maldizer sem sequer pensar que tinha deveres: principalmente o da justiça, e o do conhecimento sobre a matéria criticada.

Um artista, pintor ou músico, poeta ou escultor, desde que realmente seja artista; o tempo, os homens, o mundo... e até os próprios detractores lhe farão justiça, por vezes... bem tardiamente.

Alberto Moreira conseguiu enquadrar, embora rapidamente, o perfil artístico de um grande barcelense, que, esquecendo por vezes o torrão natal, soube contudo, deixar-lhe como herança a ressonância do seu talento, que perdurará nas notas harmónicas da música eterna.

António Baptista

Os Slogans do Mês

O bom gosto existe onde existam malhas **TEBE**.
As malhas **TEBE**, de algodão, seda e nylon, vestem Portugal de lés a lés.
TEBE: Sinónimo de lindas malhas.

nam a Câmara, Tribunal, Repartições Públicas e Quartel militar, o qual tem grandioso aspecto, e se vai concluindo; o Hospital e Santa Casa da Misericórdia, que ocupam o extinto convento dos frades capuchos; o templo da Matriz, que teve Colegiada, e sobre ao reinado de D. João II; próximo vê-se o velho casarão solar dos Pinheiros, residência caracteristicamente medieval, com seus bustos e três lápides, que pertence ao Snr. Francisco Barbosa Sottomayor, que a herdou do 1.º CONDE DE AZEVEDO.

Na vila de Barcelos, de antiga proveniência, quaisquer ruínas dos seus vetustos edificios, e especialmente as do paço ducal que ainda se erguem imponentes sobre a ponte, merecem a atenção e estudo do visitante. O terreno e ruínas do paço foram perdidos pela Câmara Municipal para a construção de um passeio público. Foi deferida em parte esta pretensão, em Agosto de 1873, mas como a louvável condição de que seria conservado o velho edificio, e nele colocada uma lápide comemorativa de que fora ali o palácio dos Duques de Bragança, mandado edificar pelo primeiro destes Duques. A esta concessão houve opposição do Administrador da Casa de Bragança, e ultimamente el-Rei D. Carlos concedeu o velho *Alcácer* para se estabelecer a biblioteca. O projecto desta restauração foi feito em 1907 pelo professor Snr. Ernesto Korrodi.

O vetusto palácio continua porém no abandono. A capela de Santa Cruz, de planta redonda, ergue-se a um canto da feira; nela se expõe à veneração uma notável imagem do Senhor da Cruz, executada em Itália; no largo fronteiro há a grande feira anual, nos três primeiros dias do mês de Maio, chamada *das Cruzes*, que tem fama em toda a província; e semelhantemente às quintas-feiras, realiza-se o mercado, o mais concorrido destes sítios, e onde abundam os cereais e todos os géneros agrícolas».

Do livro «Nova Carta Corográfica de Portugal», vols. II e III.



Dirigida por Waldemar Esteves

Taça de Honra do Minho

No Límia Parque de Viana do Castelo, realizou-se de 24 de Abril a 8 de Maio, a Taça de Honra do Minho.

Esta prova, disputada numa só mão, foi ganha pelo Sport Clube Vianense.

Como princípio de época, foi prometedor o estado técnico das equipas que concorreram, com saliência para as equipas do Famalicense, A. de Braga e C. D. da TEBE.

O Vianense ganhou a Taça, mas está longe de ser a melhor equipa, o factor ambiente influíu no resultado de alguns encontros, aliado à muita vontade dos atletas.

A revelação do torneio foi, sem dúvida, o Académico de Braga. Com um elemento jovem (Nuno) a jogar bem, conseguiram um bom posto na classificação final.

O Famalicense começou bem, mas teve sérias dificuldades para o final, a que não foi estranha a ausência do médio Carlos, fulcro centralizador da equipa.

O V. de Guimarães apareceu em má forma. Apesar da falta que Magalhães, (impossibilitado por doença) fez, à equipa, está a dar menos rendimento, que a época transacta, não merecendo entretanto o penúltimo posto.

O V. de Barcelinhos, como se esperava, não cumpriu e os esforços que a Direcção está a envidar, para conseguir um treinador, são justificáveis porquanto com melhor afinação global, podem fazer melhor.

O C. D. da TEBE salientou-se por o seu apuro técnico e no último jogo, já com Carvalho, mostrou ser competidor de respeito para o futuro.

Resultados Gerais

1.ª Jornada (dia 24-4)

V. de Guimarães, 7 — V. de Barcelinhos, 1
S. C. Vianense, 2 — Académ. de Braga, 2
C. D. da TEBE, 1 — Famalicense A. C., 3

2.ª Jornada (dia 27-4)

Académico de Braga, 2 — C. D. da TEBE, 1
Vit. de Barcelinhos, 0 — S. C. Vianense, 7
Famalicense Atlét. C. 2 — V. Guimarães, 0

3.ª Jornada (dia 1-5)

Club D. da TEBE, 3 — V. de Barcelinhos, 0
Sport C. Vianense, 6 — V. de Guimarães, 1
Académ. de Braga, 0 — Famalicense A. C., 1

4.ª Jornada (dia 4-5)

V. de Barcelinhos, 0 — Académ. de Braga, 4
Famalicense A. C. 0 — Sport C. Vianense, 1
V. de Guimarães, 4 — Club D. da TEBE, 5

5.ª Jornada (dia 8-5)

Académ. de Braga, 1 — V. de Guimarães, 1
Club D. da TEBE, 1 — S. C. Vianense, 2
V. de Barcelinhos, 0 — Famalicense A. C., 2

CANTINHO DO OQUEI EM PATINS

Por FERNANDO RANITO

FALEMOS um pouco sobre a história do oquei em patins.

Como é lógico, o aparecimento da patinagem, antecedeu a deste desporto.

Por volta de 1710, um inglês, Mr. Garcin, foi passar umas férias de inverno numa estância de repouso, onde viu uma coisa que considerou extraordinária: um grupo de indivíduos deslizavam sem esforço visível sobre uma superfície gelada, apenas com o auxílio duns apetrechos colocados nos pés! Soube depois que esses apetrechos se chamavam patins. Quis experimentar; lá lhe apertaram nos pés as tais engenhocas esquisitas e ei-lo pronto a imitar os que à sua frente deslizavam com toda a suavidade.

Bem, embora isto não faça parte da nossa história, sempre acrescentamos que Mr. Garcin não se saiu assim muito bem deste seu primeiro contacto com os patins; teve a noção de que a superfície gelada lhe fugia sob os pés e, o que foi muito pior e muito mais contundente, que os pés teimavam em fugir com o gelo. O resultado está-se a ver: como os pés não podiam ir sem o resto do corpo e o resto do corpo não estava ainda habituado a estas andanças, criou-se o desequilíbrio e o respectivo trambolhão. Mas isto foi um aparte. O que nos interessa é que Mr. Garcin, recuperando o equilíbrio e terminadas as férias, regressou a Londres, para nunca mais esquecer aquela extraordinária sensação que tivera, ao patinar sobre o gelo. Desgostava-o, no entanto, o facto de não poder fazer esse desporto durante todo o ano, uma vez que nesse tempo ainda não existiam as pistas de gelo que hoje existem.

Pois bem: foi esse desgosto que fez nascer os patins de rodas. Ou melhor, os patins de roda, pois o nosso inglês ao criar uns patins com que pudesse deslizar em superfícies não geladas, tentou imitar, até ao máximo, os patins do gelo. Assim, em vez de quatro rodas como as actuais, os patins de então possuíam só uma roda, cujo tamanho era muito superior ao actual, e que era colocada lateralmente e não sob a planta do pé.

Da Inglaterra, a patinagem, deu um salto e estabeleceu-se em França, mais precisamente, em Paris e, muito especialmente, no romântico «Bois de Bologne». Foi dali que este desporto alastrou para todo o mundo.

Depois apareceram patins de duas e até de três rodas alinhadas e que, como facilmente se depreende, criava dificuldades sem fim aos que se arriscavam a calçá-los.

Houve uma evolução tendente a eliminar essas dificuldades, e em 1863 um ame-

Um Clube em crise

DE todos os clubes Barcelenses que se encontram em actividade, é o Desportivo de Barcelinhos, o que primeiro trouxe até nós um Campeonato Nacional. Apesar disso, luta presentemente com sérias dificuldades, que só não o põem em risco de desaparecer, porque o dirigem pessoas que não olham a limitações de tempo, para algo conseguirem.

Quando da entrega de prémios aos vencedores dos campeonatos Regionais e Nacionais (1955), ouvimos o Secretário da Direcção, Mário Durães, que amavelmente acedeu a conceder-nos esta entrevista.

—Diga-nos Mário, tem sido bem acolhida a vossa ideia de formar homens e atletas, com vista à prática da natação?

—Duma maneira geral tem sido simpático o acolhimento de todos os Barcelenses, no aspecto desportivo, porquanto no campo material é grave a crise que atravessamos e o subsídio das entidades locais

(Continua na página 4)

ricano, chamado Plinapton, imaginou os primeiros patins de quatro rodas, mas só em 1890 se deu um passo decisivo para o progresso deste interessante desporto quando do aparecimento de rolamentos de esferas, que reduziam para metade o esforço, até ali necessário para patinar. Foi a fábrica «Matador» que apresentou esta inovação, depois seguida pelas outras fábricas que por sua vez foram introduzindo melhoramento após melhoramento, até aos actuais patins de fecho-rápido e rolamentos fixos.

Isto quanto à patinagem. Quanto ao oquei, os sucessos são mais recentes. Derivou do oquei no gelo e só em 1924 apareceu como desporto devidamente regrado, já que até aí cada grupo de praticantes criava as suas regras, todas mais ou menos apoiadas nas do oquei no gelo. Mas nessa data, em 1924, um suíço, o Senhor Fred Renkewitz criou a Federação Internacional de Patins de Rodas, e assumiu a sua presidência, que aliás ainda mantém.

Seguiu-se a expansão deste desporto que teve como centro propulsor a Inglaterra e mais rigorosamente as cidades de Manchester, Wembley, Londres, e muito principalmente Herne Bay. Podemos mesmo considerar esta cidade, Herne Bay, como o berço do oquei em patins. Aí se realizaram os primeiros Campeonatos da Europa, logicamente conquistados pela Inglaterra.

E, para terminar, é interessante notar que um desporto de características tão latinas, nasceu e foi criado num país de características tão pouco latinas... O facto, no entanto, tem a sua explicação e dá-la-emos muito em breve.

UM CLUBE EM CRISE

(Continuação da página 3)

ou seja, o da Ex.^{ma} Câmara Municipal e C. M. de Turismo são insuficientes.

— Têm feito subscrições?

— Sim; temos feito, no entanto todos aqueles que se interessam pelo desporto, estão causticados pelo futebol, ao ponto de esquecerem o que é Desporto para se ocuparem do mais materializado de todos...

— Sabemos quanto tem de abnegado o humano desejo do vosso Clube de dar a cada criança (homem de amanhã) a faculdade de pelos seus próprios meios se defender da possibilidade de um naufrágio. Tem sido bem acolhido pelos pais este vosso esforço?

— Sim, desde que o problema não lhes exija (nem todos) uma parcela do que vão entregar, para que o miúdo ou miúda, tenha a possibilidade de exteriormente competir com o filho do vizinho, esquecendo que só em saber nadar, consegue já, à parte as vidas que pode salvar, ter a sua assegurada se hoje ou amanhã, se vir dentro de água.

— Acha benéfica a prática da natação?

— Sem dúvida. São enormes as vantagens, e um só ano de prática chega, para avaliar os melhoramentos físicos, em todos os praticantes. Temos mesmo um exemplo: uma rapariga, filha duma família modesta de Barcelinhos, conseguiu após um ano de natação, distinguir-se dos irmãos pelo seu aspecto sadio, quando antes era igual aos outros, enfezada e de aspecto doentio.

— Porque não concorreram no ano passado aos Campeonatos Nacionais de Natação?

— Única e simplesmente por falta de fundos; conseguimos arranjar, com as entidades, um segundo subsídio de 500\$00,

no entanto, como as despesas orçavam em 5.000\$00 tivemos que desistir, o que também deve acontecer este ano em que até a reconstrução da praia fluvial é duvidosa.

— O Desportivo só se dedica à prática da natação?

— Não. Temos também a secção de atletismo, chefiada por Cândido Arantes.

— Têm muitos praticantes?

— Sòmente um. No entanto este, Guilherme Costa, tem sido um exemplo frizante de desportista porque, mesmo só, quando a vida profissional do chefe de secção e treinador impede de o acompanhar, diàriamente se apresenta a treinar, não lhe importando o calor ou o frio.

— Temos a certeza que muitas mais coisas teria para dizer, mas como o espaço de que dispomos é limitado, queremos dizer qual o seu sonho que gostaria de ver realizado?

— A construção de uma bancada na piscina e que o Desportivo dispusesse de uma equipa, pelo menos igual às melhores Nacionais.

Francamente, ouvimos demasiados pormenores da vida triste do Clube que maiores louros trouxe para a Rainha do Cávado e perguntamos onde está (se é que existe) o grande bairrismo Barcelense, para nada disto ver e apreciar no âmago e dentro do possível salvar?

Mas uma esperança ficounos, pois Mário Durães garantiu-nos que o Desportivo de Barcelinhos passará todas as vicissitudes, mas continuará como padrão imorredoiro, quando mais não seja de recordações, para aqueles que tiveram a grande alegria de, como nós, assistirem na sua terra à entrega de títulos Nacionais.

Waldemar Esteves

PORTUGAL-BRASIL

(Continuação da 1.^a página)

dade espontânea do seu solo e mais tarde pela riqueza inexplorada do sub-solo. A pequenina Pátria Portuguesa, como por encanto desdobra-se e continua-se para além do Atlântico nessa terra abençoada da Vera Cruz. Destemidos colonos, missionários abnegados, trabalhadores ambiciosos, chegam ao Brasil, cheios de entusiasmo, de alma aberta a um Ideal nobre, de braços erguidos numa tarefa gigantesca de desbravar terrenos bravios, de erguer povoações aconchegadas ao redor de capelas e conventos. A terra é boa mas os braços ainda são poucos e então da África trazem as naus lusíadas, escravos negros que em breve se adaptam às novas condições de vida, servindo colonos que vão erguendo os alicerces seguros e firmes duma nova Pátria, em breve consciente do seu valor e das suas energias.

Quando em 1822 o Brasil se torna independente, Portugal reconhece vaidosamente que aquele filho dilecto se podia realmente emancipar duma tutela desnecessária e com orgulho contempla a obra realizada naquela terra de rios caudalosos e florestas espessas e inexploradas, onde cantavam aves exóticas e assobiavam serpentes traiçoeiras.

Uma grande metrópole surgiu para o convívio das nações civilizadas, nascida do esforço gigantesco da gente portuguesa, que nessa terra fecundada com o seu esforço e defendida com o seu sangue, para sempre deixou difundida a cultura latina. Preso às nossas tradições, ligado pela mesma língua e religião, irmanado nos sentimentos de todos os seus filhos, o Brasil e Portugal são duas Pátrias distintas mas presas para sempre pelo passado comum e presas pelos inúmeros laços que no presente as unem.

Jerónimo Fernandes

e o seu caso artístico

Jerónimo Fernandes, embora nimbado de vaidosas conjecturas; mas intimamente còscio das suas reais possibilidades, crê — talvez sinceramente — que poderá ainda alcançar-se a plenitudes tantas vezes sonhadas.

Na sua exposição de águas-velas notou-se um mundo de luta em busca de perfeição. Alguns trabalhos representam o desejo viril de se transmitir; outros, com laivos pessoais, revelam possibilidades de uma maior ascensão. Enfim, J. F., mostrou que ainda não é tarde para se afirmar com maior amplitude.

Quanto ao feixe de poemas que designou por «LIBERTAÇÃO» nota-se nele a dor da incompreensão duma sociedade que, por conveniências in-

Visado pela Comissão de Censura

As Senhoras de bom gosto só usam malhas

TEBE

tencionais, continua a fugir da trajectória da justiça e da verdade...

Quanto ao fenómeno literário, sob os mais elementares ângulos da poética formal, verifica-se que o autor gizou suas composições segundo a sua maneira de observar.

Agradecendo a dedicatória do livro desejamos-lhe um maior porvir para a sua trajectória artística.

A. B.

Noticiário

Movimento Interno

Carvalho reapareceu no último jogo da Taça de Honra, exactamente como todos o conhecemos.

*

Vem realizando, o nosso Clube, com vista a conseguir fundos para as múltiplas despesas que a modalidade arrasta, uns pequenos sorteios mensais.

Que o apoio, pequeno que seja, de todos seja dado, para

que a Direcção possa fazer mais e melhor.

*

Convidados pelo Vitória S. Clube de Guimarães, deslocamo-nos nos dias 24 e 25 de Maio a Guimarães para disputarmos com o T. O. C. das Taipas, Famalicense e V. de Guimarães a Taça «Fundação da Nacionalidade», posta em disputa pela equipa vimaranense.

Diversas

O Oquei Clube de Barcelos vem fazendo esforços para que possa contar esta época, com o concurso de dois elementos do

Famalicense, José Manuel e Mesquita.

*

António Figueiredo, internacional do Infante de Sagres, é o actual treinador do Famalicense.

*

Óscar, parece definitivamente assente vir jogar a presente época, para o seu antigo clube, Oquei Clube de Barcelos.

*

Numa pequena festa em «família», realizou-se no passado dia 18, na sede social do Desportivo de Barcelinhos, a entrega de medalhas aos atletas que brilhantemente conquistaram os Campeonatos Regionais e Na-

cionais de Natação, na época de 1955.

Na mesa de Honra estavam os Snrs. Dr. José Machado, João Correia, Mário Durães, Manuel João Carvalho, Manuel Garrido, Cândido Arantes, Miguel R. Pereira, Manuel M. Pereira e Acácio G. Costa.

Feita a chamada pelo Secretário da Direcção foram colocadas as medalhas aos seguintes atletas:

João Durães, Joaquim Calás, Manuel Pereira, Teotónio Carvalho, António Silva, Aparício Pereira, António G. Ferreira, Joaquim Vicência, António Torres, Manuel C. Ferreira, Jaime do Carmo, Francisco Costa e Guilherme Costa.

ESCUTISMO Aniversários

(Continuação da página 6)

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

pamento e no caso de acampar só, estabelecer um horário das suas actividades. No caso de se tratar de uma patrulha, com mais obrigatoriedade, o chefe, ou na sua falta, o guia, deve estabelecer o programa das actividades.

Eis um horário, que serve as duas hipóteses:

7 horas — Levantar, arejar a cama, lavar, etc.

8 horas — Hastear a bandeira e orações.

8,15 horas — Pequeno almoço e arranjo do campo.

10 horas — Práticas escutistas. Jogos. Natação.

11,30 horas — Preparativos para o almoço. Cosinhar.

13 horas — Almoço.

13,30 às 14,30 — Descanso obrigatório (depois de ter lavado as louças).

14,30 às 17,30 — Jogos escutistas. Natação.

18 horas — Preparativos do jantar.

19 horas — Jantar, seguido de tempo livre.

21 horas — Fogo de conselho ou actividades nocturnas.

22,30 horas — Recolher.

23 horas — Silêncio. Apagar luzes.

Ao entrar em qualquer terreno para acampar, desde que se tenha obtido licença prévia, deve atender-se a que estamos em propriedade alheia. Ao retirarmos-nos devemos lembrar-nos acima de tudo:

1.º Deixar tudo como se encontrou.

2.º Pertubar o menos possível os animais e os vizinhos.

3.º Não danificar as vedações, culturas ou árvores.

Se assim fizerem todos quantos se dedicam ao campismo, poderão classificar-se como bons exploradores, porque todos os escuteiros conhecem estas regras e cumprem-nas para desta forma se habituarem na vida normal a traçar um programa e cumpri-lo.

Perspectivas para 1957

As comemorações do centenário de Lord Baden Powel, continuam a verificar-se por todo o mundo. No que diz respeito ao nosso País e mais especificamente ao Distrito de Braga, devemos assinalar a

Visita à Sede Regional do Bispo Auxiliar de Braga

No dia 28 de Abril passado, a Sede Regional de Braga do C. N. E. recebeu a visita de Sua Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo Auxiliar de Braga.

Efectuou-se uma sessão solene, presidida por Sua Ex.ª Rev.ª, tendo usado da palavra o Chefe Regional Snr. Palha, que expôs

a longos traços as actividades do momento escutista e esboçou um programa para o corrente ano.

Depois o assistente Regional Snr. Padre Américo Ferreira Alves, num improvisado eloquente e brilhantíssimo, dissertou sobre a vida do escuteiro e disse do muito que havia a esperar desta grandiosa obra de formação física e social. Foi uma linda sessão a que não faltaram canções escutistas e outros números de agrado. Por fim Sua Ex.ª Rev.ª encerrou a sessão com palavras enérgicas mas cheias de ensinamentos, de que se deve tirar uma proveitosa lição.

Jamboree do Jubileu

Conforme dissemos no último número do "Boletim", vamos indicar os nomes dos escuteiros de Barcelos que vão, em Agosto, a Inglaterra representar o Grupo n.º 13, no Jamboree do Jubileu, em Sutton Park.

Caminheiro — Custódio Coutada.

Explorador — Jaime Manuel Pinho Ferreira.

Estes são os Escuteiros escolhidos pelo agrupamento e que se deslocam a expensas do Núcleo de Barcelos.

No entanto devem ainda acompanhar o Chefe do Núcleo, Senhor Dr. Manuel Faria e os escuteiros, acima indicados, mais os seguintes:

Caminheiro — Joaquim Calás de Carvalho.

Exploradores — Fernando Macedo Correia, Adélio Macedo Correia e Mário V. de Queirós.

A partida está mais ou menos assente para 29 Julho, por caminho de ferro, directo a Paris e Calais. Depois igualmente até Londres, afim de se apresentarem no grande acampamento em 2 de Agosto.

30 anos de actividade escutista

Conseguir manter-se prestigiosamente durante 30 anos em actividade escutista é, sem dúvida, demonstrar uma paixão e um amor à causa, difíceis de comparar.

Pois o Snr. Dr. Manuel Faria, Chefe do Núcleo dos Escuteiros de Barcelos passou há pouco o 30.º aniversário da sua entrada para o grande movimento.

Por tal motivo, organizou-se um bivaque em Vilar de Frades, junto ao convento e à Igreja — considerada monumento nacional —, a que assistiram cerca de 60 elementos activos assim distribuídos: 24 Lobitos, 20 exploradores, 5 caminheiros, 5 dirigentes femininos e 3 masculinos. Celebrou missa o Prior de Vilar acompanhada a órgão. Quase todos os os escuteiros

Fazem anos no próximo mês de JUNHO os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — António Figueiredo da Silva e Maria da Graça Pereira.

DIA 2 — João Correia Lopes.

DIA 3 — Avelino de Jesus Faria.

DIA 5 — Maria Alice B. Pereira, Rosa Alves Pereira e Maria do Carmo P. Lamela.

DIA 6 — Maria Amélia Lopes Machado, Maria dos Prazeres S. Pereira, Teresa de Jesus Moreira e Maria do Sameiro Areias.

DIA 7 — José Olímpio C. Neiva.

DIA 8 — Maria Dolores de Jesus Vilas Boas e Maria Idalina Arantes.

DIA 9 — António da Costa Figueiredo e Maria da Conceição F. Gomes.

DIA 10 — Alzira da Conceição Araújo e Maria Helena C. Pereira.

DIA 11 — Ana Leal Ribadas e Maria Luísa G. Figueiredo.

DIA 12 — José Maria da Silva Freitas, Albina Lopes Boaventura e Maria de Jesus Pimenta.

DIA 13 — Ana da Silva Pereira e António Faria C. Viana.

DIA 14 — Deolinda de Sousa Loureiro.

DIA 15 — António Luís Alves Correia, Maria Laura P. Pimenta e Emília Pereira Lopes.

DIA 16 — Justina de Faria Fernandes.

DIA 17 — Ana da Conceição F. Monteiro.

DIA 18 — Francisco Leonel N. Veloso.

DIA 19 — Maria do Sameiro G. Martins e Maria de Lourdes M. dos Santos.

DIA 20 — Maria Aurora G. Araújo e Ana Domingues de Araújo.

DIA 21 — Adriana Lima da Costa, Maria Teresa A. Loureiro, Jacinto Duarte Gomes e Ana de Jesus F. Barbosa.

DIA 22 — Manuel Martins Remelhe.

DIA 24 — Cândido Araújo.

DIA 26 — Maria Emília Martins.

DIA 28 — António Martins e Olga da Assunção F. Moreira.

DIA 29 — Idalina Sá Pereira da Silva, Claudina Rosa A. Ferreira, Maria Emília P. Amaral, Joaquim Gonçalves Correia, Maria Hermínia Ricardo Lourenço e Florinda da Silva Azevedo.

DIA 30 — Rosa da Conceição Fernandes.

Falam velhos manuscritos CAPELA DO BOM SUCESSO

"Dom José Joaquim de Azevedo e Moura, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas, Atendendo ao que nos foi representado por parte de D. Eugénia Maria de Araujo Sousa, como administradora da Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, sita na freguesia de S. Mamede de Arcozêlo, no suburbio da Vila de Barcelos, e haver-se extraviado a primordial Provisão da sua habilitação, concedida em 1784; bem como à informação do Reverendo Arcipreste do Districto,

presentes comungaram, tendo oferecido a missa, a comunhão e mais outras jaculatórias em acção de graças pela saúde e bem estar do seu chefe. O almoço foi feito pelas respectivas patrulhas, tendo tudo decorrido na melhor ordem.

Pena foi que de tarde a chuva viesse empanar o brilho das actividades projectadas, mas o Senhor Director da Casa de Saúde de S. João de Deus, a quem pertence a Quinta de Vilar, ceidou algumas das salas do convento a fim de se proceder a uma singela mas íntima homenagem ao Chefe do Grupo Senhor Dr. Manuel Faria.

titulo de património para a fabrica, e mais documentos que nos foram presentes: havemos por bem conceder licença para se podêr continuar a celebrar o Santo Sacrificio da Missa, e Offícios Divinos, na Capela de que se trata, e para na mesma se podêr administrar os Santos Sacramentos da penitência, e Eucarestia, não sendo por desobriga; com tanto que o Confessionário para pessôas de seres femininos, seja aprovado pelo Reverendo Paroco; e sem prejuizo dos seus direitos. Dada em Braga sob nosso sinal e sêlo desta Côrte, aos sete de Abril de mil oitocentos e sessenta e dois. Eu, José Luciano Gômes da Costa, Secretário da Camara, Arcebispo, a subscrevo.

(Assinatura ilegível)

Ao signal 80
Ao sêlo 10
Ao reg. gr.
Desta e p. 100 gr.
Reg. Geral
seu regit.º 130

Licença pela qual Vossa Excelência Reverendíssima, Há por bem conceder para celebração da Missa, e Offícios Divinos na Capela do Bom Sucesso, da freguesia de Arcozêlo e para colocação de Confessionário, como nela se contem, e declara,

Fica registado no Reg. Ger. no livro cumpre a fls. 331-v.

Braga, 7 de Abril de 1862.

O escrivão,

João José Pardo da Costa Amorim.



Por JAIME FERREIRA

(Continuação do número anterior)

Terminada que foi a tarefa que nos impusemos de trazer a público e nas colunas deste "Boletim", a história do escutismo em Barcelos até 1956 vamos tentar desenvolver alguns temas fundamentais do movimento e da organização do Corpo Nacional de Escutas—C. N. E.—, melhor exprimindo, do Escutismo Católico Português.

Assim, escolhemos um tema de *bivaque* que Baden Powel, fundador e Chefe Mundial do Escutismo deixou escrito no seu maravilhoso livro "Escutismo para rapazes".

O Bivaque

Uma das actividades principais do Escutismo é a vida ao ar livre. Sem isto, a ideia genial do fundador deste movimento maravilhoso, seria completamente falseada.

Assim, o campo é o lugar indicado para que os rapazes possam, não só exercitar-se nos jogos e outras brincadeiras próprias, mas também para fortalecer o corpo e o espírito, preparando-se para resolver todos os problemas que a vida ao ar livre lhe pode trazer, segundo o local onde se pretende acampar.

Isto consegue-se depois de algum treino e quanto mais saídas se fizerem, quanto mais conhecimentos se obtêm, pois é vasta a série de possibilidades que o Escutismo dá aos rapazes no campo.

Segundo Baden Powel, o local ideal para acampar é dentro ou perto de um bosque onde seja permitido cortar lenha e construir cabanas ou armar tendas.

Há quem ache rude um acampamento. Rude e incómodo. Mas para quem já fez 2 ou 3 acampamentos, não lhe encontra esses inconvenientes, pois fica sendo mais um praticante.

Fica a saber olhar por si e conseguir comodidades. Se não tiver tenda, não se senta a tremer e a resmungar, à espera que alguém lhe resolva os seus problemas. Desata a construir uma cabana ou um abrigo, em sítio onde a chuva o não possa inundar em caso de aguaceiro. Depois acende uma fogueira e fabrica um enxergão fofo com fechos ou palha.

Há inúmeros recursos ao alcance dum explorador e não há dificuldade ou privação que ele não remedeie.

Quais os conhecimentos indispensáveis para se poder acampar, com a maior comodidade?

1.º— Escolher o terreno—Num bosque ou à beira-rio ou beira-mar, sempre onde haja água boa e lenha. Na serra ou na charneca, desde que se consiga licença. Deve-se escolher local seco e abrigado.

2.º— Tenda—Dependa da espécie de acampamento. Para o escutismo, e desde que sabemos que quando há uma saída, esta se faz por patrulhas, melhor é a tenda de paredes, pois é cómoda e impermeável à água, mesmo quando se toca por dentro. O toldo conserva a tenda fresca sob o sol ardente e quente quando está frio.

3.º— Material de campo—O que é preciso para se fazer um bom acampamento? Eis uma lista sumária do material indispensável:

Para a tenda—Balde, lanterna a petróleo, fósforos, bacia, pá, machado, muitas meadas de cordel, bandeirolas e algumas correias, etc.

Para a cozinha—Painéis de dois tamanhos, um tacho, frigideira, chaleira, grelha, fósforos, balde, cutelo, concha da sopa, espumadeira, sacos para géneros, panos, esfregões, etc.

Para cada escuteiro—Pano de tenda, 2 cobertores, saco para colchão, cordas, sacos para lanches, pijama, travessa, camisola de agasalho, capa de borracha, sapatos sobressalentes, calção de banho, toalha, lenços, agulha e linhas, pratos, chávena e copo de metal, talher completo, fósforos, pente, escova e copo para dentes, sabonete, sabão (para os pés) escova de fato, e um saco mochila.

4.º— *Alimentação*—É um capítulo que sendo à primeira vista de fácil resolução, depende exactamente do tempo do acampamento.

A carne deve ser sempre fresca, assim como os ovos, arroz e farinhas, embora estes se conservem melhor. A fruta come-se bem e coze-se melhor ainda. O chocolate é excelente tanto

M E D O

Por NATÁLIA NUNES

(Continuação do número anterior)

MAIS para além, depois de se contornar a Pedra Furada, é que estava a Mina cavada na espessura rochosa da encosta. Nessa altura caminhavam já perto da povoação. Ali, de certeza que não chegariam os lobos. Allás, os rapazes, desde lá de baixo, da vessada, sabiam que ao chegarem à Mina, se acabava o medo dos lobos. Mas, acaba, para começar outro medo, tão grande ou maior do que o primeiro: os rapazes tinham agora medo de ouvir os gemidos que o Gago assassinado ficara a soltar pelos tempos fora.

— "Quando se passa à Pedra Furada, é então que se vê aquela bocarra dos infernos e depois, mesmo que se tapem os ouvidos, lá se ouvem sempre os gemidos de morte do homem: ah! ah! ah! Até parece que se nos gela o sangue nas veias!" Isto era o que dizia o povo da aldeia. E a mãe pedia-lhes muitas vezes:

— "Não passem a correr à frente da Mina, nem olhem lá para dentro. Caminhem e rezem o Credo em voz alta, até já irem longe".

Os rapazes ainda pensavam em bater nas latas, outra vez, em frente da Mina. Com a chocalheira das panelas, ouvia-se lá o tal ah! ah! Mas não podiam. Não podiam — tinham a impressão de que o Gago, que vivia uma vida larvar, subterrânea, no interior da Mina — estava já desde alguns metros de distância, a atraí-los, a fazer perceber a sua presença e a sua força. E mais: parecia-lhes também que esse ser misterioso lhes adivinhava os pensamentos e lhes apontava à consciência, como inútil e irrisória tentativa de ludíbrio, aquele projecto esboçado de avançarem, de prosseguirem a matraquear nas latas ferrugentas! Impossível qualquer estratégia. Mesmo que se desviassem e passassem de largo, aquilo havia de ir ter com eles — sentiam que havia de ir. Portanto, forçoso era passar em frente da Mina, em silêncio, atentos, ouvindo, de coração oprimido, os lamentos da alma do Gago, como tantos outros tinham já ouvido, e rezar-lhe mesmo as orações.

Mal contornavam a Pedra, a Mina aparecia-lhes do outro lado. Não que olhassem bem de frente mas, pelo canto dos olhos, viam-na em toda a negridão da sua boca escancarada. Os rapazes quase nem respiravam, à espera de ouvir... Entretanto, punham-se a rezar, numa precipitação, a meia voz... E vinha-lhes um desejo implorativo de pedir a Deus, a todas as forças ocultas — à própria alma do Gago — que atentassem bem neles que iam a rezar, a cumprir a obrigação, a obedecer, a respeitar, a submeter-se...

Mas, nunca afinal os rapazes ouviram, de verdade, nenhuns ais nem lamentos quando passavam em frente da Mina. Só depois, quando deitavam a correr pelo carreiro, já tornado estrada larga, é que julgavam ouvir, ao longe, uma voz cava e dolorida a soltar gemidos muito fundos... E, ao entrarem na povoação, era a vez de serem eles a sentir um desprezo enorme — era mesmo um estranho, inexplicável desprezo — o que eles sentiam por aqueles seres todos, disformes e indefinidos, que erravam pela noite, lá longe, na floresta de pinheiros...

para o campo, como mesmo em marcha.

O pão deve ser em forma de "rosca" fácil de fazer um acampamento fixo. Um conselho: compra-se pão seco numa padaria, mais barato portanto, corta-se em fatias grossas ou em quadrados, cozem-se no forno ou torram-se ao lume até ficarem rijas. Substituem muito bem o pão, que, sendo fresco, facilmente humedece, azeda e se deteriora no campo.

5.º— *Instalação do acampamento*—Num acampamento de escuteiros, as tendas não ficam alinhadas, como num acampamento militar, mas sim, dispersas por patrulhas, à distância de 20 a 50 metros umas das outras, dentro dum grande círculo em volta da tenda do chefe, a qual, com a bandeira e o fogo do conselho, fica geralmente no centro.

A entrada de cada tenda, deve ficar voltada a sotavento. Cava-se em volta um rego de 3 polegadas de profundidade para que a chuva não entre na tenda e se escoe. Junto ao pé de cada vara deve fazer-se um buraco do tamanho de uma chávena de chá, para mudar as varas em caso de chuva.

Se houver perto uma nascente ou um ribeiro, tem de manter-se limpa a entrada para se poder beber e fazer a sua captação para a cozinha.

O lume da cozinha faz-se sempre também a sotavento ou do lado para onde o vento sopra de forma que nem o fumo nem as

faúlhas sejam levadas para as tendas.

Falaremos mais tarde sobre este capítulo, desenvolvendo-o como merece.

O maior asseio na cozinha, denuncia preparação e conhecimentos de explorador que muito concorrem para o êxito do acampamento.

Não se devem esquecer as fossas húmida e seca, respectivamente para as águas gordurosas e outras e deve ser coberta com uma camada de palha ou erva, para reter a gordura. Na fossa seca lança-se todo o resto do material e tanto a palha como o resto deve queimar-se todos os dias e substituir-se.

Outro ponto importante para a saúde dos escuteiros é a abertura de uma cova que sirva de latrina.

É uma das primeiras coisas de que se deve tratar, ao chegar ao acampamento.

Antes mesmo de se armarem tendas ou de se acender o lume, faz-se a latrina e veda-se com panos.

A cova deve ter 2 pés de profundidade por 3 de comprimento e um de largura. Sempre que se faz uso da latrina, deve lançar-se uma camada de terra dentro e no final do acampamento deve encher-se completamente.

Só, ou em patrulha, um bom escuteiro não deve nunca esquecer este ponto.

6.º— *Serviços diários*—Todo o escuteiro deve, ao iniciar o acam-

(Continua na página 5)